

## **RELATÓRIO DE VIAGEM DE INTERCÂMBIO E ASSESSORIA AS TERRAS INDÍGENAS KATUKINA DO CAMPINAS E KAMPA DO RIO AMÔNEA**

AAFI Jorge Domingos Naxima Kaxinawá

Terra Indígena Alto Rio Purus

Aldeia Nova Fronteira

### **15 de agosto de 2003**

Eu me desloquei às 11:00 horas da manhã na voadeira da Secretária de Saúde do Município de Santa Rosa no dia 13 de junho, juntamente com o motorista da voadeira Afonso e a minha esposa Maria de Fátima Domingos Kaxinawá, e duas crianças uma de 2 anos de idade e outra com 4 meses. Saímos com destino ao município de Santa Rosa por motivo de doença. Eu vim acompanhando a minha filha de 2 anos de idade, o nome dela é Anatalina Domingos Kaxinawá que veio passando mal, estava com pneumonia muito grave e infecção respiratória aguda. Nós saímos às 11:00 horas da manhã da aldeia Nova Fronteira e chegamos em Santa Rosa às 5:00 horas da tarde, aí eu fui direto ao posto de saúde do município e a Anatalina ficou internada no posto. Recebemos até atendimento dos enfermeiros profissionais do município, aí passamos o dia 14 todinho no posto e a Anatalina não teve melhora, estava cada vez piorando e eu e a mãe dela ficamos muito preocupados, vendo ela chorar. Aí ela passou pela avaliação médica do exército, junto com a enfermeira Marlene e a enfermeira Cleia do Polo Base de Santa Rosa, aí foi encaminhada para Rio Branco a paciente Anatalina Domingos. Eu pai dela AAFI Jorge Domingos acompanhei porque a mãe dela não podia vir por motivo que tinha outra criança e o pessoal da casa do índio não deixa entrar com pessoa sadia, por isso que eu vim acompanhando a minha filha na casa do índio.

No dia 15 de junho às 4:00 horas da tarde, chegou um avião direto para pegar a paciente Anatalina Domingos que ainda se encontrava no posto de Santa Rosa,

passando mal. Aí quando o avião chegou fui encaminhado para Rio Branco às 4:30 horas da tarde, o avião saiu do aeroporto de Santa Rosa, mais ou menos nós chegamos em Rio Branco às 6:00 horas da noite. Quando o avião estava faltando 5 minutos para decolar no aeroporto de Rio Branco, o piloto Álvaro já confirmou uma vaga no hospital pronto socorro e já pediu que se aproximasse do aeroporto uma ambulância para pegar nós. Quando o avião decolou no aeroporto, a ambulância já se encontrava,. O piloto parou o avião, abriu a porta e ambulância já estava lá, eu peguei a Antalina, junto com uma enfermeira Samia, colocamos na ambulância e viemos direto para o Hospital Pronto Socorro, onde a minha filha ficou internada 2 dias e 2 noites. Foi a coisa mais ruim que eu achei na minha vida, fiquei 2 dias e 2 noites sem poder dormir, em pé noite e dia. A menina não comia, não falava, não abria os olhos só estava respirando bem devagarzinho pelo oxigênio, aí eu fiquei muito preocupado e sufocado de ver aquelas pessoas chegar batido, furado, quebrado, gemendo, gritando e chorando. Eu não achei bom de jeito nenhum hospital não é lugar da gente ficar, eu peço o meu "Rutxi Yuxí Cuchipá" para mim não entrar mais em hospital, aí eu passei 2 dias e 2 noites no pronto socorro, aí ela foi encaminhada para a FUNDACRE, Fundação Hospitalar do Estado do Acre, aí eu passei 16 dias internado com Anatalina mais tinha muita criança também internada, tudo com pneumonia as crianças dos brancos nawa. Eu vi que elas sofrem muito fazendo tratamento no hospital, para mim no hospital é um antigo. Aí a Anatalina melhorou, a médica que eu estava cuidando dela deu alta para ela, e eu trouxe ela para casa do índio junto com Avansio motorista da casa do índio no dia 03 de julho de 2003. A Anatalina ainda continua se medicando na casa do índio e ainda tem uma consulta para fazer no hospital fundação para fazer uma tomografia. Por isso que eu ainda estou permanecendo aqui na casa do índio esse tempo e por esse motivo que eu estou passando esse tempo em Rio Branco na casa do índio. Esse relatório é do mês de junho, julho e agosto, o que aconteceu comigo e que já aconteceu na minha família, nós que estamos vivendo neste mundo de luta.

Ainda, eu, AAFI Jorge, estava na casa do índio participei de uma palestra do administrador da casa do índio do senhor Valmir junto com o doutor Jaime da casa do índio, onde estavam presentes pessoas de várias regiões. Estava presente também a liderança de 4 etnias que participaram da palestra, liderança Vicente Sabóia Kaxinawá José Sebastião Manchineri, Leôncio Apurinã e tinha também Kaxarari e mais outras pessoas que estavam presentes. Aí nós ouvimos a proposta do administrador e ele falou sobre a organização da casa do índio e organização dos parentes doentes e organização dos quartos para separar as pessoas que estão com doença TB, pessoas que estão com tuberculose que vem se tratar, pode ser Kaxinawá, Katukina, Kaxarari, Manchineri, Jaminawá, Apurinã, Kampa, pode ser qualquer etnia que estiver TB vão ficar só em um quarto. Tudo isso foi a proposta do administrador do índio, junto com o doutor Jaime. Eles repassaram isso para nós indígenas e pediram também a colaboração de todos os pacientes e acompanhantes.

Falaram também que tinha que tirar os cachorros e os gatos, porque tem muito gato na casa do índio, é casa de saúde mais tem muito gato que come resto de comida e o cachorro caga em cima de casa. Aí ele pensa que culpados são os índios. Então na palestra foi discutido esses assuntos dentro do setor da administração da casa do índio, o senhor Vaumi Esehlar Lira e o senhor José Oria Machineri os responsáveis da casa de saúde do índio no mês de julho.

Ainda eu estava na casa do índio no mês de agosto quando Anatalina estava bem melhor e eu resolvi ir na CPI dar uma visitada na sede da ONG que eu trabalho com eles. Eu pedi uma carona e o motorista da Toyota da casa do índio me deu uma carona até a rua que se chama bosque, aí ele me deixou lá, aí eu fui andando de pé com muito medo de se perder, mas eu consegui acertar e cheguei na CPI, e encontrei uma moça que trabalha lá, aí eu perguntei se o Tupi se encontrava lá e ela me falou que ele estava na sala dele. Fui e cheguei na sala deles e encontrei com o Tupi e o Adriano e eles me receberam. Eu conversei com eles e com a Malu. Vi o pessoal que trabalha todinhos, os assessores da educação e do meio

ambiente. Tomei café junto com eles, aí nós voltamos e o Tupi me deu um jornal da assessoria que eles fizeram no Rio Jordão e dois livros de “Nukû Kene hati” e eu vim embora para casa do índio. Depois eu vim embora de ônibus e cheguei na casa do índio às 11:00 horas. O Tupi me falou também que tinha uma assessoria para a região do município de Cruzeiro na Terra Indígena do Campinas dos parentes Katukina. Ele me perguntou se queria ir com eles conhecer outras terras e ver como os outros agentes agroflorestais estão trabalhando. Eu vim primeiramente ver com o pessoal da casa do índio, se não tinha problema eu ir. Aí voltei para a casa do índio e conversei com a Vani e com a Lira e eles me disseram que não tinha problema que a minha mãe ia cuidar dela. Voltei para a CPI confirmar com o Tupi, nós ficamos certo para viajar com o Tupi e o Adriano. O Tupi me deu o material como: caderno, lápis de cor, aí eu voltei para a casa do índio e comecei a escrever o meu relatório no dia 18 de agosto no ano de 2003, comecei a trabalhar o meu diário, registrando o que passou comigo, o que eu vi, o que eu conversei com o pessoal, o que fiz acompanhando a minha filha Anatalina. Esse relatório foi terminado no dia 21 de agosto de 2003.

### **21 de agosto de 2003**

Agora eu fiquei esperando para viajar junto com o Tupi e o Adriano para o município de Cruzeiro do Sul, Terra Indígena Campinas e Terra Indígena Arara, para conhecer outros parentes e fazer todo o intercâmbio em outras regiões do Estado do Acre.

AAFI agente agroflorestal Jorge D. Naxima Kaxinawá

Assessoria na Terra Indígena Campinas, viagem de intercâmbio pela rede de cooperação alternativa do Brasil

Eu, AAFI Jorge D. Kaxinawá, saí da casa do índio às 7:00 horas da manhã na Toyota da CPI no dia 25 de agosto do ano de 2003, junto com os assessores da CPI/AC o Tupi, o Adriano, a Vera Olinda e o motorista Gilberto da Toyota. Nós viemos direto até o aeroporto de Rio Branco e chegamos no aeroporto às 7:40. O Tupi colocou as bagagens no bagageiro, aí nós nos despedimos do motorista Gilberto da CPI, nós saímos do aeroporto sentamos em um banco, aí a moça falou que já podia se aproximar quem iria viajar para Tarauacá com destino à Cruzeiro do Sul. Nós já saímos, andamos e embarcamos no avião que se chama Tavaj. Um avião que pega 44 passageiros, grande. Eu subi junto com o Adriano e o Tupi, a moça estava na porta e me deu bom dia, eu disse bom dia para ela, passei e sentei perto do Adriano. Fiquei só prestando atenção com muita curiosidade como era que o avião ia subir, o que eu ia sentir. Eu fiquei meio nervoso pensando que ia passar mal, porque era a primeira vez que eu estava viajando de avião grande, mas eu me firmei e senti só um pouco de tontura, graças a deus. Saímos de Rio Branco às 8:00 horas, o avião desceu no município de Tarauacá às 9:00 horas. Primeiro saímos do avião, só a Vera que ia para o Gregório para a Terra Indígena dos Yawanawá, e o avião demorou mais ou menos 10 minutos no aeroporto de Tarauacá. Depois prosseguimos a nossa viagem com destino à Cruzeiro do Sul. O avião subiu que passou das nuvens, eu vi só mata, quando o avião ia subindo e descendo, tem muito pasto na área dos municípios. Eu vi só aquelas matas de florestas e muito açude, vi também o rio Tarauacá, o rio Juruá e muitos lagos.

Quando o avião subiu passou 15 minutos, a aeromoça trouxe a refeição e me deu, mas ainda, eu não estava com fome, tinha comido bolo, bolacha, doce de goiaba e suco de laranja sobre o pão e manteiga. O Adriano me pediu, eu dei para ele e comeu todinho, eu bebi só água. Quando o vôo está faltando 5 minutos para decolar na pista a aeromoça fala para a gente ter cuidado e passarem os cintos. Às 10:00 horas o avião aterrizou na pista do município de Cruzeiro do Sul. Nós passamos no aeroporto de Cruzeiro 30 minutos. Pegamos a nossa bagagem e embarcamos em um taxi. Viemos embora para o centro. Eu perguntei o nome do

motorista do taxi era Abril, o Tupi mais o Adriano fumaram dentro do taxi e ele falou que não podia. Aí nós corremos uns 30 minutos e chegamos na cidade de Cruzeiro. O taxi parou de frente o hotel do seu Bilario. O Tupi pagou R\$ 30,00, passamos um tempo e saímos juntos com o Tupi e o Adriano para ver se encontramos a casa de alguns parentes Katukina. Nós não encontramos, fomos até a igreja de Cruzeiro, onde trabalha o Cimi, mas nós não encontramos ninguém, fomos andando às 12:00 horas e fomos almoçar no restaurante Napolitana do município de Cruzeiro do Sul. O Tupi pagou R\$ 36,00, nós saímos e viemos andando para o hotel de baixo de um sereno. Paramos em um canto e nós avistamos o agente agroflorestal Francisco Arara Timbu Shawã do município de Porto Walter. Ele nos cumprimentou, nós cumprimentamos ele também. Ele conversou com o Tupi e o Adriano. Daí nós despedimos e saímos caminhando até o hotel e ficamos 3 horas Timbu Shawã chegou no hotel para receber as sementes de graviola, carambola, açaí e pupunha que o Tupi entregou para ele. Ficamos no hotel sentado na mesa conversando com o AAFI Timbu Shawá contando historinhas, choveu a tarde, depois a chuva passou e o AAFI Francisco Arara foi embora. Durante a tarde o Tupi e o Adriano saíram para conversar com as pessoas que trabalham no IMAC e eu fiquei no hotel escrevendo o meu relatório, assisti filme na televisão do hotel e jantei churrasco de galinha com farofa, aí nós passamos a noite dormindo.

### **26 de agosto de 2003**

Às 7:00 horas nós tomamos o café com bolo e pão e às 8:00 horas eu saí junto com o Tupi e o Adriano, saímos caminhando até a beira do rio para ver se encontrava alguns Katukina, mas não encontramos. Aí o assessor Tupi e o Adriano foram fazer compras de rancho em um supermercado, não deu certo, eles não acharam as mercadorias, saímos procurando, e compraram no supermercado Cameli. Eles compraram o rancho, o Tupi pagou a moça do supermercado, embalaram na caixa e deixaram lá para o dono do supermercado entregar no

hotel, daí nós andamos até a baixada do Rio Juruá, procuramos pelos Katukina, mas não encontramos, caminhamos para o hotel e chegamos em uma pequena lanchonete e eles compararam guaraná e tomamos. O Tupi pagou, daí nós chegamos no hotel de novo e eu fiquei deitado na cama escrevendo o meu relatório.

Às 2:00 horas da tarde chegou o Francisco Arara de novo para conversar com o Tupi e perguntou se nós ainda não tínhamos ido. O Tupi falou que não, aí ele informou que o pessoal que trabalha na FUNASA dava para levar a gente e às 2:00 horas eu saí para levar junto com o Tupi, Adriano e o Francisco Arara. Caminhamos até o centro, ele falou com o taxista e ele cobrou R\$ 10,00. Nós não fomos com eles e chamaram outro taxi e perguntou quanto cobrava para levar até a FUNASA, e ele cobrou R\$7,00, aí nós embarcamos e fomos até a FUNASA. Chegamos e encontramos com 3 pessoas, segurança. O Tupi perguntou pelo chefe, e ainda não tinha chegado e ele nos mandou aguardar e ficar à vontade. O seu Armando chegou, o administrador da FUNASA que trabalha com açude dos índios Katukina. O assessor Tupi falou com ele, aí o seu Aramando perguntou quando nós queríamos e o Tupi disse para o outro dia às 7:00 horas da manhã. Ficou certo assim. Daí pegamos o taxi de novo e viemos para o hotel, aí o Tupi pagou R\$ 7,00.

Às 7:00 horas eu saí junto com o Tupi e o Adriano, e nós fomos até o mercado do município de Cruzeiro, ele comprou peixe seco e salgado para levar de rancho para a aldeia dos índios Katukina, eles mandaram e eu vim embora para o hotel, trazendo peixe. Comprei um cartão telefônico para telefonar para Rio Branco, o Tupi me deu R\$ 5,00 , eu cheguei no hotel e fui comprar 1 cartão em uma drogaria. Comprei e telefonei para a casa do índio em Rio Branco. Conversei com a minha irmã, isso só para saber da minha filha que eu tinha deixado na casa do índio. Fiquei no hotel escrevendo o meu relatório, no hotel do seu Hilário.

**27 de agosto de 2003**

Às 9:00 horas da manhã a Toyota da FUNASA de Cruzeiro do Sul chegou no hotel, onde nós estávamos dormindo junto com o Tupi e Adriano. Arrumamos as nossas coisas e embarcamos no Toyota junto com o motorista Torquato. Fomos para a FUNASA de novo para pegar o chefe da FUNASA que vinha. Nós chegamos e o seu Armando nos cumprimentou, nós embarcamos no Toyota junto com o seu Armando, administrador da FUNASA de Cruzeiro do Sul, uma mulher Arara, o AAFI Francisco Arara e a Elena Arara. Nós caminhamos no Toyota até a beira do Rio Juruá. Nós atravessamos o Rio Juruá na balsa Com destino a Terra Indígena Campinas dos parentes Katukina. Encontramos um caminhão atolado, demoramos um pouco enquanto o caminhão desatolava. Viemos embora 1 hora, de Toyota, e chegamos na Terra Indígena do Campinas na aldeia Martins, onde o AAFI Marcelino mora, às 12:00 horas. O motorista Torquato entrou com o Toyota dentro da aldeia Martins, parou mesmo na porta da escola. Saímos de dentro do Toyota e os parentes Katukina nos receberam. O agente agroflorestal Marcelino nos levou na casa dele e deu banana para comermos. Sentamos um pouco e comemos banana conversando. Depois saímos e subimos na casa do Marcelino e vimos os bancos que estavam fazendo de cumarú. Ele nos trouxe para a escola para fazer palestra às 2:00. Reuniram-se a liderança Nilo, professor Francisco Teka, agente de saúde Fernando, o AAFI Marcelino e as mulheres.

O Tupi, no início da palestra falou sobre assessoria e o Adriano também falou. O AAFI Jorge se apresentou também e o seu nome. Depois o Tupi falou sobre as sementes e as atividades que iam ser realizadas. Ele pede para eles contarem um pouco sobre o trabalho do Marcelino. A liderança Nilo falou, o agente de saúde falou, também o professor, como que eles estavam trabalhando nas comunidades deles. Todos falaram, daí a reunião parou e nós ficamos um pouco para entrar em contato pelo rádio, mas não deu certo. Chegaram 3 AAFIs das 3 aldeias, Campinas, Bananeira, Samaúma, AAFI Edilson, AAFI Petrônio, AAFI Severo. Chegaram às 4:00 horas na aldeia Martins. O Tupi e o Adriano deram aula, e o AAFI Jorge do Purus, sentamos junto de novo para planejar com eles o trabalho. Assistimos também a aula do professor Teka, aula de arte e pintura corporal, ele



ensinou música tradicional. Nós ficamos dormindo na casa do professor, eu, Tupi e Adriano passamos a noite.

### **28 de agosto de 2003**

Depois que nós tomamos café, saímos para coletar mudas de buriti junto com 3 AAFIs Katukina da Terra Indígena Campinas. O AAFI Marcelino arrumou o material, enxada, balde, terçado, e o motorista do Toyota deles já estava junto. Depois nós saímos todos juntos, os AAFIs com o assessor Tupi e o Adriano. Saímos, e estávamos na estrada em pé para embarcar no Toyota. Quando chegou o Toyotas, ia a Vera que trabalha na CPI, ia para o Amônia. Ela entregou uma carta para o Tupi e abraçou o Adriano, deu um beijo nele, e falou que estava com saudade dele e cumprimentou nós todos, passaram direto para Cruzeiro do Sul. Nós com a nossa equipe embarcamos no Toyota da associação deles e saímos, paramos na aldeia Campinas, onde o Tupi ia ficar. Fomos na casa do AAFI Petrônio deixar o assessor Tupi. O motorista e o Adriano voltaram e foram pegar mais parentes dele que iam pescar no igarapé Campinas. Nós encontramos eles no meio da estrada e eles nos cumprimentaram, eu perguntei se ele ia pescar com tiqui, e eles falaram que sim e tinham 6 sacos de tiqui para pescar.

Nós embarcamos no Toyota e seguimos pela BR procurando mudas de buriti. Nós paramos em 2 cantos e não tinha, seguimos mais para a frente, paramos em um lugar e fomos olhar se tinha mudas, aí nós encontramos as mudas. O Tupi mandou o Adriano falar com o proprietário do lugar, ele foi mais o AAFI Edilson, falaram e o homem disse que podia tirar. O Adriano voltou e começamos a colheita de mudas de buriti. Eu coletei 25 mudas de buriti, ao todo nós coletamos 230 mudas de buriti. Nós carregamos e escondemos em um lugar, porque nós vamos até o município de Rodrigues Alves abastecer o Toyota de óleo diesel. Embarcamos no Toyota e seguimos, fomos para Rodrigues Alves e lá o motorista Adriano abasteceu o Toyota. O assessor Tupi guarani pagou o combustível R\$ 55,00 e de lá voltamos e atravessamos o Rio Juruá no barco grande. Aí nós

paramos em uma taberna e os AAFIs pediram para o Tupi pagar o guaraná e ele pagou 4 litros de guaraná. Tomamos com biscoito e depois prosseguimos a nossa viagem, e o motorista Adriano trouxe um pessoal da BR. Embarcamos as mudas no Toyota e viemos embora, andamos mais ou menos meia hora, chegamos na Terra Indígena aldeia Campinas às 11:30 horas. O Tupi tirou as mudas deles, 55 mudas, junto com AAFI Petrônio e carregaram para o açude, aí eu e o assessor Adriano, junto com AAFI Marcelino e AAFI Edilson, viemos para a aldeia Martins. Paramos no açude do Marcelino e carregamos as mudas de buriti para a beira do açude, 53 mudas de buriti, e deixamos na beira do açude do Marcelino.

Foi dividido para 4 aldeias, 55 mudas de buriti, aí eu e o Adriano voltamos para a casa do professor Teka, onde nós ficamos, na aldeia Martins. Às 2:00 horas nós saímos para plantar as mudas de buriti, junto com AAFI Marcelino, AAFI Edilson, professor, agente de saúde e mais pessoas da aldeia, mulheres e crianças e alunos da aldeia Martins. Quando nós chegamos na beira do açude e o pessoal começou o caminho, o AAFI Edilson começou a cavar com a boca de lobo e eu, AAFI Jorge, comecei a plantar as mudas ajudando os parentes Katukina.

Formaram 2 grupos, eu e o Adriano fomos com outro grupo, de 6 pessoas, 4 homens e 2 mulheres, esposa do AAFI Marcelino e o professor Teka, foi com outro grupo do outro lado do açude com 8 alunos, 9 com ele. Esses 2 grupos, nós plantamos 55 mudas de buriti na beira do açude, na mata, açude da comunidade Martins, ao todo o total de pessoas que tinha ali na verdade, foram 18 pessoas, professor, alunos, agente de saúde, mulheres e crianças, foi mais ou menos 1 hora de trabalho. Encontramos uma cobra que picou um parente que estava limpando o caminho, nós terminamos, o Adriano reuniu o pessoal e bateu uma fotografia de todo o mundo, e viemos embora.

Às 5:00 horas nós fomos jogar futebol no campo de jogo. O nosso time perdeu e o time do Adriano ganhou de 10 a 9 gols. Essa foi a atividade na assessoria da aldeia Martins no dia 28 de agosto de 2003.

**29 de agosto de 2003**

Às 8:00 horas da manhã eu AAFI Jorge Domingos Kaxinawá, junto com o assessor da CPI Adriano, saímos juntos com 2 AAFIs, Marcelino e o Pua para visitar o plantio do AAFI Marcelino e para fazer levantamento das plantas dele do SAF Capoeira, e mais, em perguntar o Marcelino se o SAF era dele, ele disse que era do seu Antônio. Nós saímos caminhando no caminho e passamos em 2 roçados novos ainda não tinha queimado. Chegamos no viveiro do Marcelino, vi um viveiro novo em uma horta, as espécies que tinham plantado na horta era couve, pimentão, cebolinha. Tinha 2 canteiros, um no chão e outro suspenso. Nós chegamos no outro viveiro de mudas de espécies que vinha produzindo no viveiro do AAFI Marcelino Rosa Katukina. Caminhamos mais uns minutos e chegamos no SAF Capoeira do seu Antônio, o Adriano mandou o Marcelino fazer o levantamento. O AAFI Marcelino começou a fazer o levantamento junto com AAFI Edilson e eu fiquei escrevendo o meu diário ajudando a contar as plantas, as espécies que tem no SAF e no viveiro do seu Antônio. Foram: ingá de metro, pupunha de espinho, cupuaçu, biribá, caju, tangerina, buriti, açaí, banana, manga, bacaba, pitomba, goiaba e mamão. Essas foram as espécies que eu vi no SAF do seu Antônio, quase todas estão dando frutas.

Terminamos o levantamento do Marcelino e manejamos um cacho de pupunha para comer. Ele subiu no pau e puxou, o cacho de pupunha caiu no chão, o Adriano e o Marcelino juntaram a pupunha. O Adriano bateu uma foto desse cacho. Daí nós seguimos, voltamos e entramos dentro do caminho para outro plantio do seu José Carneiro Katukina. O AAFI Marcelino continuou o levantamento as plantas junto com o AAFI Pua, eu continuei escrevendo o meu diário ajudando eles, junto com Adriano da CPI. Agora, as espécies que eu vi no SAF do seu José, eram: coco da praia, graviola, pupunha, mogno, manga, abacate. Foi essas as espécies. Caminhamos para outro e passamos no SAF comunitário deles e chegamos no SAF do professor Francisco Katukina Teka, e Marcelino mais o Pua, continuou fazendo o levantamento das espécies, são as mesmas que eu já vi, só que o plantio é recente e as plantas estão pequenas ainda. O Marcelino terminou

de fazer o levantamento do plantio do professor Teka e começou a fazer levantamentos do plantio comunitário da aldeia Martins. Marcelino se dividiu mais o AAFI Edilson e ficaram em uma banda fazendo um levantamento. Eu, Jorge, do Purus ajudei e continuei escrevendo meu diário, junto com o Marcelino e o Edilson.

O Adriano saiu e disse que foi andar no caminho que tinha na mata, enquanto nós terminávamos de fazer o levantamento das plantas. As espécies que eu vi no plantio comunitário do Marcelino foram: manga, coco da praia, pupunha, caju, biribá, abacate, azeitona, graviola, ingá de metro, embiaba, goiaba e cedro novo, e mais outras espécies nativas que eu não conheço. Foi só isso que eu vi no sistema agroflorestal comunitário do AAFI Marcelino Katukina, aldeia Martins, Terra Indígena Campinas, município de Cruzeiro do Sul.

Eu vi também um roçado novo queimado para plantar roça perto do plantio comunitário, o AAFI Marcelino tem bastante plantas frutíferas, plantadas no lugar definitivo. Quando todas crescerem e começarem a dar frutas, ele vai ter muita frutífera e muitas frutas para comer junto com a sua comunidade, o povo da Terra Indígena. Às 11:00 horas o AAFI Marcelino mais o AAFI Edilson terminaram de fazer o levantamento do SAF comunitário dele. À 1:30 hora nós chegamos na casa do professor Teka, almoçamos uma galinha. Daí do meio dia para a tarde o AAFI Marcelino foi convidado para participar de um torneio de futebol no campo deles. O AAFI Marcelino me convidou e eu fui participar junto. Saímos 1:00 hora da tarde para este futebol, voltamos às 5:00 horas da tarde, tomei banho e continuei escrevendo o meu diário. Isso foi atividade da assessoria do dia 29 de agosto do ano de 2003, aldeia Martins, Terra Indígena Campinas, Cruzeiro do Sul.

### **30 de agosto de 2003**

Às 7:30 horas, de novo, o AAFI Marcelino saiu para jogar futebol do meu campeonato que eles estão participando. Eu, AAFI Jorge, da Terra Indígena do Rio Purus, mais o assessor Adriano da CPI, ficamos na aldeia Martins junto com o AAFI

Edilson Rosa Katukina, e o Adriano foi fazer entrevista com o agente de saúde Fernando. Quando o Adriano estava gravando, ele pediu para eu ajudar o AAFI Edilson responder o questionário do açude dele da aldeia Samaúma. Eu ajudei o AAFI Edilson responder as perguntas do Adriano. Terminaram 20 perguntas. O Adriano terminou de gravar as entrevistas com o agente de saúde Fernando, e nós mais Edilson terminamos de responder as 20 perguntas do questionário do açude do Edilson. O assessor Adriano convidou para nós irmos para a aldeia Samaúma, aldeia do AAFI Edilson, iniciar o levantamento das plantas deles, enquanto o Marcelino chegava do futebol. Nós saímos da aldeia Martins faltava 10 minutos para às 10:00 horas, caminhamos na estrada de pé, andamos 1 hora e chegamos na aldeia Samaúma às 10:30 horas na casa do AAFI Edilson e ficamos descansando um pouco. Saímos para visitar os plantios que estão na capoeira do Edilson, chegamos logo no viveiro dele de produção de mudas. Vi bastante mudas no viveiro do AAFI Edilson Katukina da aldeia Samaúma, agora as espécies de mudas que eu vi foi só isso: açaí touceira, bastante sapota, bacaba, graviola, abiu, carambola, cereja, biorana, cupuaçu, abacate e manichi pamã, foram essas mudas que eu vi no viveiro do AAFI Edilson.

Nós caminhamos no SAF e atravessamos o igarapé Olinda e entramos no SAF Capoeira que foi implantado no ano de 1997. Eu vi bastante plantas plantado, plantio bem consorciado com diversas espécies de frutíferas. As espécies que eu identifiquei dentro do Sistema Agroflorestal do AAFI Edilson Katukina no SAF Capoeira e SAF fundo de quintal foram essas espécies: tangerina, cupuaçu, buriti, abacate, açaí, bacaba, mamão, amora, abacaxi, amora, jambo, manga, cacau, pamã, castanha de porco e maracujá de quilo. Então foram estas espécies que eu AAFI Jorge Domingos Kaxinawá identifiquei no SAF Capoeira do AAFI Edilson Rosa Katukina, no fundo do quintal deles, na aldeia Samaúma, Terra Indígena Campinas. Daí nós voltamos e o assessor Adriano pediu uns limões e tirou, quando nós chegamos na aldeia, eu pedi ao Edilson um caju que estava maduro no pé e o Adriano pediu outro caju, o AAFI Edilson mandou ele tirar e mandou um menino

segurar o caju para tirar uma foto, registrando a produção de caju, ele bateu a foto. Nós chegamos na casa do AAFI Edilson Puá e ficamos descansando, paramos meio dia na casa do AAFI Edilson. Ele tirou uma fruta cubio e deu para o Adriano comer, eu pedi uma para mim trazer as sementes para plantar no meu viveiro. Depois 1:00 hora, nós voltamos para aldeia Martins e 2:00 horas nós chegamos. O AAFI Marcelino já tinha chegado do futebol e 2:30 nós fomos para a escola, junto com o AAFI Marcelino, o AAFI Edilson e o assessor Adriano. O Adriano entregou o questionário para o Marcelino responder. Falou para ele que qualquer dúvida perguntasse para ele e para mim, ele entregou também o mapa do trabalho dele.

O Adriano foi fazer entrevista com o professor Teka, gravando sentado em um banco, eu fiquei escrevendo o meu diário sentado na cadeira da escola. Quando o Adriano terminou de fazer a entrevista com o professor Teka, nós saímos para o viveiro do AAFI Marcelino para semear as mudas e as sementes que tinha levado para eles. Nós saímos e atravessamos o igarapé Martins e deu uns 10 minutos chegamos no local do viveiro junto com 2 AAFIs e o professor Teka, a esposa do AAFI Marcelino, quatro alunos, 2 homens e 2 mulheres que participaram. O Marcelino começou a limpar o canto da sementeira com o cercado, aí o professor Teka manejou 3 pés de imbaúba, eu e o Edilson carregamos para a beira do viveiro. O Marcelino começou a cavar o barro com a enxada. Ajudamos a cavar o barro com a enxada, nós ajudamos a cavar a terra para enterrar. A esposa do Marcelino começou a amassar a terra, junto com 2 meninos e 2 meninas dentro da sementeira. O Adriano foi contar as sementes junto com o Edilson, eu fui só pegando o total das sementes e das mudas que nós íamos semear, terminamos de contar e o Marcelino terminou de construir a sementeira. Depois o Adriano ensinou a fazer o suco, semeamos 60 mudas de pupunha, 55 mudas de açaí, 7 sementes de caju, 15 estacas de amora, 350 sementes de amora, 38 estacas de acerola, 160 sementes de graviola, 140 sementes de café, 201 sementes de maracujá, 208 sementes de açaí, 25 sementes de ingá de metro, colhido da aldeia mesmo, ao

todo foram 1.450 sementes. Terminamos essa atividade às 4:30 horas da tarde, atividade realizada na assessoria Terra Indígena Campinas na aldeia Martins.

### **31 de agosto de 2003**

Às 8:00 horas da manhã, depois do café o assessor Adriano Dias conversou com a agente de saúde e liderança AAFI Marcelino sobre a associação deles. Fomos para a escola, entrei em contato pelo rádio com o meu pessoal na minha aldeia. Às 10:00 horas da manhã, o assessor Tupi chegou da aldeia Campinas na aldeia Martins, onde eu estava mais o Adriano, o Tupi, junto com AAFI Pedro, a liderança Maurício e mais pessoas, professor, agente de saúde. Arrumamos as sementes que o Tupi ia levando para a aldeia Bananeira, trouxemos e embarcamos no toyota, junto com o pessoal da aldeia Martins, que vamos fazer reunião.

Depois nós saímos às 10:00 horas da manhã, chegamos na aldeia Samaúma para pegar as pessoas que iam também, liderança, professor Shere, agente de saúde, AAFI Edilson e mais gente que foram no toyota deles. Seguimos 14 km de toyota na BR 364, chegamos na aldeia Bananeira às 11:00 horas da manhã. O motorista parou o toyota, desembarcamos do toyota e caminhamos até a aldeia. Tupi mais o AAFI Petrônio levaram as mudas de buriti e nós subimos o barranco da aldeia, encontramos a liderança Maria Luzinete, uma mulher que recebeu o Tupi e cumprimentou o pessoal. O pessoal caminhou até a casa dela, aí ficamos um pouco, todas as pessoas conversando. Caminhei junto com Tupi e o AAFI Petrônio até a beira do açude, nós fomos deixar as mudas de buriti na beira do açude. O Tupi achou muito interessante. Voltamos para casa, era muito pequena e ele decidiu ficar fora da escola da aldeia Bananeira. Eu vi também bastantes plantas no terreno dele e no campo, eu não visitei o plantio, mas, sim ao redor da aldeia, vi um sistema interessante de plantas. Tem 1 açude, 2 roçados, daí nós ficamos na escola esperando a reunião. O pessoal reuniu-se, e o agente de saúde Fernando da aldeia Martins, que é o vice-presidente da associação, deu início a

reunião, falando na sua própria língua. Depois falou no português, que ele tinha convocado aquela reunião. Lá discutiram entre eles e cada professor deu a sua proposta, o agente de saúde também. Continuaram discutindo sobre o agente agroflorestal da aldeia Bananeira, porque disse que o AAFI da aldeia Bananeira não fazia nada, só vivia andando para lá e para cá. Nem fazia a casa dele, por isso que eles queriam escolher um outro AAFI, mas não tinham ninguém. Continuaram discutindo entre eles, cada um falou e deu a sua proposta. A liderança Maria Luzinete, pediu que o assessor Tupi e o Adriano falassem. O Tupi explicou como era que ia acontecer e o Adriano também falou, o AAFI Marcelino, AAFI Edilson e o Petrônio, todos falaram. Mandaram à liderança Maria Luzinete decidir quem era mesmo que iam colocar. A liderança disse que não tinha ninguém, tinha gente, mas não sabia nem assinar o nome e para ser AAFI não pode ser uma pessoa analfabeta, tem que saber escrever, precisa fazer o diário e escrever o relatório do seu trabalho que faz na comunidade. Falaram e ouviram que a liderança falou com o professor dele, o Nonato, e ele disse que podia ser o Severo mesmo. Concordaram entre eles e falaram que o AAFI da aldeia Bananeira é o Severo Katukina. Discutiram que eles não poderiam ficar sem AAFI na aldeia. Apontaram o Severo para acompanhar a assessoria da CPI. Tupi e o AAFI Petrônio que acompanhou o Tupi para a aldeia Bananeira, encerraram a reunião deles às 12:00. Escolheu o AAFI Severo mesmo.

O Tupi ficou na Bananeira junto com o AAFI Petrônio, eu AAFI fiquei junto com o Adriano. Nós acompanhamos o professor dele junto com o motorista do toyota. Adriano Katukina e nós fizemos uma visita no Rio Liberdade em torno da Terra Indígena deles. Chegando lá vi muitos nawa bebendo cachaça no bar na beira do rio Liberdade. Nós descemos do toyota e fomos em rumo de uma pensão, o Zinho e o professor Benjamim Shere, pagou 4 refeições que deu R\$ 12,00, nós almoçamos.. Depois do almoço nós fomos até a beira do rio Liberdade conhecer onde disseram que queriam ampliar a Terra Indígena deles. Eu vi o bote da balsa no Rio Liberdade, tinha muito meruím. Nós voltamos, embarcamos no toyota e



viemos embora para a aldeia Martins, de novo. Caminhamos 18 km de toyota e chegamos na aldeia Martins às 2:00 horas da tarde. O AAFI Marcelino ficou na aldeia Samaúma, jogando futebol, às 3:00 horas ele chegou.

Às 4:00 horas da tarde, saímos para fazer levantamento das plantas no roçado que estavam faltando, Às 4:00 horas da tarde nós saímos juntos com o Marcelino e o Adriano, andamos uns 25 minutos e chegamos no plantio do seu Valdir Carneiro Katukina. O AAFI Marcelino foi contando as plantas e o Adriano foi anotando no caderno, fomos para o outro plantio, do seu Nilo, a liderança, e o Marcelino continuou contando as plantas. O Adriano continuou anotando no caderno e eu ajudei acompanhando pelo meio do SAF. Terminamos de contar, voltamos para casa e o Marcelino que tirou cana para nós. As espécies que tinham nesse plantio eram: coco da praia, caju, pupunha, graviola, amora, maracujá, manga. Foram essas espécies que eu vi no plantio do seu Valdir Carneiro, era do seu Nilo Katukina, tinha banana também. Nós voltamos e chegamos 5:00 horas e fomos fazer o levantamento do quintal e também terminamos às 5:30 horas da tarde. Depois nós fomos fumar um cigarro juntos com o professor Teka sentado na esquina do banheiro. O Adriano combinou com o professor Teka a reunião do encerramento da assessoria na aldeia Samaúma. Isso foi atividade realizada no dia 31 de agosto de 2003, Terra Indígena Campinas, aldeia São Martins.

### **01 de setembro de 2003**

Às 8:00 horas da manhã nós saímos da aldeia Martins, junto com o AAFI Marcelino e o assessor Adriano da CPI para a aldeia Samaúma. Nós caminhamos 30 minutos de pé com as nossas bolsas nas costas, junto com o AAFI Marcelino, a esposa dele senhora Lucila e os seus filhos. Chegamos na casa do AAFI Edilson às 9:00 horas da manhã. Descemos as nossas bagagens e ficamos um pedaço descansando. O Adriano pediu para o AAFI Edilson algumas ferramentas. Nós tomamos suco antes de sair para o campo. Saímos e pegamos uma boca de lobo. Eu saí junto com o

AAFI Edilson, AAFI Marcelino e o assessor Adriano para o outro local, onde tem escola e açude, onde mora o cacique e o professor Benjamim Shere.

Quando chegamos encontramos o professor, Adriano conversou com ele sobre a reunião, o assunto e o objetivo da assessoria. O professor Benjamim ficou de acordo para a reunião no final da assessoria e ficou certo. Nós partimos para o campo na beira do açude, plantamos buriti, eu e o assessor Adriano. O AAFI Edilson, AAFI Marcelino, saíram cavando com a boca de lobo e o Adriano limpando com terçado os cantos, eu saí plantando junto com dois alunos homens. O Adriano pediu para mim orientar as 2 meninas como plantar, aí chegou mais 3 meninas alunas e ajudaram a plantar. Terminamos essa atividade que durou mais ou menos 1 hora, junto com dois AAFIs da Terra Indígena e 5 alunos da aldeia Samaúma. As pessoas da comunidade não participaram, nem professor, nem liderança, nem agente de saúde não participou do plantio de mudas de buriti na beira o açude deles. Só o AAFI Edilson e 5 meninos alunos da comunidade estavam procurando o roçado e parece que a liderança e o agente de saúde andavam viajando para outro lugar.

Outro professor estava dando aula na escola com os alunos, quando nós já tínhamos terminado de plantar as mudas de buriti, ele ia com mais alunos, mas nós já tínhamos terminado de plantar. Encontramos com ele na casa dele, ele cumprimentou o Adriano. O Adriano falou com ele para ele participar e ficou de acordo com o assessor Adriano Dias. Viemos de novo para a casa do AAFI Edilson. O Adriano fez uma pergunta para eles, qual era a importância de plantar às mudas de buriti na beira do açude. Eles responderam para o Adriano, que quando o buriti cresce, vai dar alimento para os peixes, para a gente e serve também para segurar a terra e o impacto da chuva forte. A erosão faz água fria ir mais fundo, limpa para os peixes ficarem sadios, as respostas que o AAFI Edilson e o AAFI Marcelino deram para o assessor Adriano da CPI. Ficamos para escrever o texto, eu continuei escrevendo o meu diário. Uma coisa eu achei meio estranho, porque

nem uma pessoa adulta participou do plantio de buriti na beira do açude junto com a gente, foi só isso da aldeia Samaúma. Ficamos passando meio dia na casa do AAFI Edilson Katukina. Às 12:30 horas para 1:00 hora, o Adriano entregou o questionário para o AAFI Marcelino ler para ficar mais por dentro das perguntas que ele ia fazer, o Marcelino ficou lendo o questionário.

O Adriano foi tomar banho no igarapé Olinda, levou um menino do Marcelino para ensinar ele o igarapé, tomar banho meio dia no começo do frio. Daí ele chegou 1:00 hora e começou a gravar a entrevista com o AAFI Marcelino contando a avaliação da história de vida do AAFI e a história da vida do AAFI no trabalho, o que mudou de vida depois que ele passou a ser AAFI da aldeia. Quantas artes e ofícios já fez. Quantas artes e ofício já vendeu, e para quem, se tem invasão na terra dele, se ele já realizou a fiscalização, e quantas vezes. O AAFI Marcelino respondeu mais ou menos e gravou a atividade do meio dia. Achei importante as entrevistas, isso ajuda para ter mais experiências também no meu trabalho como AAFI da minha aldeia.

Eu vi que estava faltando na aldeia do AAFI Marcelino, no seu SAF, manejo do local da aldeia, lixo orgânico, bastante no fundo do quintal das casas e lixo não orgânico, mais ou menos. Eu não vi o lixão, privada tem. No SAF dele estava faltando só o manejo, também poda nas plantas. As plantas que eu vi morrendo só foi coco da praia no SAF do Marcelino. Aula na escola, eu vi o professor Teka dando só uma vez a tarde.

Quando nós íamos saindo para a aldeia Samaúma, parti na segunda-feira dia 1 de setembro, só foi o que eu vi. A alimentação que eu comi da própria aldeia foi banana madura, macaxeira, cana, mingau de banana e peixe do igarapé. Eu não vi nem uma vez trabalho de mutirão na aldeia do AAFI Marcelino Martins, eu achei que tinha pouco homem na aldeia dele, só isso que eu vi. Onde nós ficamos 3 dias, tem poços artesianos, ficamos e passamos meio dia, e às 2:00 horas da tarde

nós saímos para fazer o levantamento das plantas. Nós nos dividimos em 2 grupos, eu fui com o AAFI Edilson e o Adriano foi com o Marcelino para a casa do seu parente Katukina. O Adriano mais o Marcelino foram fazer o levantamento. O AAFI Edilson ia contando, eu ia anotando no papel. Nós fizemos o levantamento até às 5:00 horas da tarde, mas não conseguimos terminar o levantamento, aí deixamos para outro dia continuar de novo. Ficamos na casa do AAFI Edilson Katukina, ficou fazendo o mapa dele e eu fiquei escrevendo. O Adriano ficou lendo a revista, depois da janta o assessor Adriano pegou uma queda de cima de um banco e caiu sentando de bunda no chão, foi muito interessante para nós!

### **02 de setembro de 2003**

Trabalho de assessoria na Terra Indígena Campinas, aldeia Samaúma. O assessor Tupi chegou às 3:00 horas da madrugada na aldeia Samaúma na casa do AAFI Edilson, perturbando a gente que dormia. O dia amanheceu e nós tomamos o café, ficamos fazendo algumas atividades de escrita e esperamos o professor chegar. O professor José Katukina chegou junto com 6 alunos, 4 homens e 3 mulheres, nós saímos para o viveiro do AAFI Edilson, lá nós fizemos atividades de aula prática junto com 6 alunos e 2 pais de famílias. O AAFI Edilson adubou o canteiro com o ciscador o Adriano ajudou, eu ajudei com a enxada.

Os meninos pegaram água com regador para molhar o canteiro, porque a terra está muito seca. Eu fiquei contando as sementes para semear no canteiro. Quando terminou, o AAFI Edilson semeou junto com os meninos, alunos do AAFI Edilson, e orientou como eles iam semear as sementes na sementeira para os alunos. Participaram 8 alunos no semeio das sementes no viveiro, junto com o professor José Luiz Katukina, aluno da primeira série. Foi semeado no canteiro do AAFI Edilson 27 mudas de pupunha, 10 estacas de acerola, 228 sementes de maracujá, 200 sementes de graviola, 252 sementes de carambola, 252 de café, 26 estacas de amora, que foram semeados no canteiro do AAFI Edilson Katukina. Ao todo foram

semeados no canteiro do AAFI Edilson 1.123 sementes, junto com 8 pessoas da aldeia Samaúma, Terra Indígena Campinas. O assessor Adriano registrou com a foto do AAFI Edilson, explicando para os alunos na sua própria língua. O AAFI explicou também para os alunos sobre o viveiro dele, na fala dele. Falou sobre as mudas e a cobertura rala, o assessor da CPI Adriano Dias tirou foto do AAFI Edilson e explicou para os alunos meninos. O Adriano distribuiu bombom para eles. Quando eu estava contando as sementes, o Tupi queria atrapalhar com gracinha, aí nós terminamos de semear as sementes e voltamos para a casa do AAFI Edilson. Viemos para a escola, o professor José Luiz deu aula de desenho e textos do trabalho, eu continuei escrevendo o meu relatório.

Assistimos a aula do professor José Luiz Katukina. Nós voltamos para a casa do AAFI Edilson, retornamos para o SAF novo. Eu fiquei fazendo o levantamento das plantas no terreiro da aldeia deles. Nós terminamos, o assessor Tupi foi tomar banho no igarapé mais o AAFI Pua. Eu fiquei escrevendo o meu diário na casa do Edilson. O assessor Adriano ficou sistematizando o levantamento das plantas que nós fizemos para apresentar para o pessoal na aldeia, o total de plantas que eles têm na aldeia deles. Eu pratiquei o levantamento, mas antes de sair o Tupi fez um menino chorar de medo dele. Agora as espécies que eu identifiquei dentro do SAF do AAFI Edilson foram essas: pupunha, mogno, buriti, biribá, ipê, manga, açaí touceira, cacau, manixi, carambola, jambo, jarina, jaci, cupuaçu, biorana, ingá de metro, ingá nativo, acerola, coco da praia, cedro, cajá, azeitona, folha de cipó, castanha de porco, café, mamão, cumarú, lima, pitanga, graviola, laranja, mulateiro, jaca, limão, bacaba, copaíba, goiaba, caju, sapota, pama, bacuri, abacaxi, tangerina, cubio, amora, cereja e imbaúba.

As espécies que eu, AAFI Jorge Domingos Kaxinawá, no Sistema Agroflorestal do AAFI Edilson identificamos estas espécies, entre plantas frutíferas e samaúma do AAFI Edilson Rosa Katukina. O assessor da CPI, às 2:00 horas, começou a fazer a entrevista com o AAFI Edilson Rosa Katukina na história da vida dele. Quando ele

começou como AAFI, ele explicou para o assessor Adriano que melhorou. Quantas mudas ele produziu, quanto plantio ele fez, quantas invasões existiram dentro da Terra Indígena deles, quantas dificuldades que ele encontrou quando começou a trabalhar como agente agroflorestal indígena. Foi mais ou menos essa entrevista do AAFI Edilson Rosa Katukina. O Adriano gravou no gravador, fechou o trabalho às 2:00 horas da tarde na casa do AAFI Edilson e às 4:00 horas da tarde nós reunimos na escola da aldeia Samaúma para avaliação o final do trabalho dos AAFIs da Terra Indígena Campinas. O professor antigo Benjamim Katukina, iniciou a reunião falando na língua dele e explicou para os parentes dele sobre o trabalho do AAFI, passou a palavra para o AAFI Edilson Rosa Katukina, que apresentou o trabalho dele e a continuidade do SAF, quantidade de plantas do quintal, do roçado e quantidade de plantas que ele tem na aldeia, que o Adriano tinha sistematizado no papel. O Adriano ajudou a sistematizar de novo no quadro, explicou e mostrou.

A quantidade das plantas e as pessoas que participaram da reunião da aldeia Samaúma foram: professor Benjamim Katukina, Raimundo Katukina, Francisco Peixoto Katukina, André José, Luiz professor. Depois o professor Benjamim, e o AAFI deram de novo o prosseguimento da reunião e discutiu entre eles. O AAFI Edilson fez a apresentação sobre o trabalho que ele tem e o resultado do trabalho que ele faz junto com a comunidade dele. Eu fiquei só ouvindo sentado no banco, onde o resultado total de todas as plantas da comunidade deu 2.142 plantas na aldeia Samaúma. Foi passado a palavra para o AAFI Marcelino da aldeia Martins, ele apresentou também o trabalho dele e a quantidade do levantamento das plantas que ele tem no quintal, no SAF, no roçado, capoeira e na beira do açude. Apresentou também para o pessoal dele o total de todas as plantas que ele tem plantado na aldeia Martins e o total deu 1.176 plantas ao todo, da comunidade, aldeia São Martins, AAFI Marcelino Rosa Katukina. Depois a palavra foi passada para o professor Teka da aldeia Martins, aí ele falou como ele apóia o trabalho do AAFI Marcelino, disse que ajuda o Marcelino junto com os seus alunos no

enchimento dos saquinhos, repicagem de mudas, quando for preciso, plantamos no roçado no SAF comunitário. Tudo isso os professores falaram, só que não estava presente nenhuma liderança das demais comunidades. Disseram que andavam caçando e outros estavam para o Gregório, nenhum agente de saúde não estava presente na avaliação no final dos trabalhos dos AAFIs junto com a assessoria da CPI. O Tupi falou também sobre as 2 aldeias que ele está assessorando, Campinas e Bananeira, também sistematizou no quadro e mostrou para a comunidade que estava presente na reunião. O AAFI Petrônio não estava presente na reunião da comunidade dele, Campinas, aí as 8 pessoas que estavam presentes falaram sobre o trabalho do AAFI, no final eles pediram para eu falar. Falei só o que eu fiz, o que eu vi e um pouco de agradecimento.

Eles cantaram musica tradicional na cultura e o Adriano registrou tudo, gravando com o gravador. Encerramos a reunião na aldeia Samaúma, Terra Indígena Campinas, município de Cruzeiro do Sul, Acre às 5: 00 horas da tarde. Tem mais uma coisa que eu vi sobre o trabalho do AAFI Edilson Rosa, foi sobre o lixo não orgânico, ele cuida do lixo e tem lixeira. Na casa dele e no terreiro, ele trabalha no igarapé, é muito legal e ele tem um viveiro grande com 20 m de comprimento e 5 m de largura, com bastante mudas. O trabalho do AAFI Edilson na aldeia está de parabéns. Daqui mais 2 anos ou 3 anos ele vai ter bastante frutas de pupunha para comer e vender. Isso que eu observei do trabalho do AAFI Edilson Rosa Katukina Satanawá, aldeia Samaúma. Ainda eu fiz uma pergunta para o assessor Tupi, quantas pessoas tinham participado do trabalho na aldeia Campinas. Ele me disse que só 2 pessoas participaram do plantio de buriti na beira do açude do Campinas e da aldeia Bananeira. Também só 2 pessoas participaram, eu AAFI Jorge, pela minha observação dos trabalhos dos AAFIs com a sua comunidade, foi mais ou menos. Mas com o AAFI, foi legal o trabalho, onde fiquei nos dias na aldeia, então foi essa a atividade do dia 2 de setembro 2003, assessoria Terra Indígena Campinas dos parentes Katukina. Nós passamos uma semana, na aldeia Samaúma.

### **03 de setembro de 2003**

Relatório de viagem da assessoria Terra Indígena Kampa do Rio Amônia, município de Thaumaturgo

Eu AAFI Jorge Domingos Kaxinawá, saí junto com o Adriano e o Tupi na assessoria da CPI/AC da casa do AAFI Edilson Rosa Katukina às 4:00 horas da manhã, no caminhão que faz linha para o município de Cruzeiro do Sul, junto com o AAFI Marcelino e sua mulher Lucila. Nós viemos juntos até a cidade, sentimos bastante frio no caminhão e chegamos em Cruzeiro do Sul às 6:00 horas da manhã. O caminhão parou no mercado de Cruzeiro, nós descemos e pegamos as nossas bagagens, colocamos nas costas e caminhamos direto para o hotel do seu Hilário, para resolver a passagem de avião para o município de Thaumaturgo. O Tupi fez ligação por telefone para a CPI, disse que não tinha passagem de avião para Thaumaturgo, só ia ter no dia 09 de setembro, nós não queríamos ir de barco, porque era muito longe, 5 dias de barco pequeno, íamos perder muito tempo, viagem no rio custa, demora mais. O Tupi ficou resolvendo a passagem, conversando com o pessoal do IMAC, a Magali.

Às 11:30 horas nós saímos para almoçar no restaurante lanchonete Cheiro Verde, almoçamos e o Tupi pagou e saímos. O Adriano já saiu para resolver a passagem dele para o município de Porto Walter, para ir para os parentes Arara. Caminhei até o hotel junto com o Tupi. O Tupi ficou escrevendo 2 cartas, uma para a CPI e outra para o AAFI Flaviano Kaxinawá do Breu. Quando terminou de escrever, ele saiu para deixar as cartas no correio de Cruzeiro. Fiquei no hotel assistindo um filme na TV e escrevendo o meu diário da viagem.



Depois às 2:00 horas, Tupi saiu para o porto junto com o Adriano para acertar a passagem do Adriano. Eles foram conversar com uns parentes Kaxinawá do Rio Breu e com o Francisco Arara para subir para Porto Walter, fiquei no hotel aguardando eles arrumarem as passagens, aí parece que o Francisco Pianko que trabalha na secretária indígena conseguiu um frente de avião e disseram que o Isaac vinha de Rio Branco para a aldeia dele e ia chegar às 5:00 horas da tarde em Cruzeiro do Sul. Falou que no outro dia. Fiquei aguardando o AAFI Marcelino Katukina que também estava no hotel. Nós ficamos esperando o Tupi e o Adriano chegarem do porto, tomamos 2 refrigerantes, assistindo TV e escrevendo o diário em cima da cama do hotel. Eu estava bem legal, só tinha uma coisa que estava pensando, era a minha filha que eu tinha deixado na casa do índio, junto com a minha mãe, só isso que eu ficava meio sentido, mas o resto estava bom para mim na assessoria. Quando eu estava no hotel o Tupi ligou para mim lá da casa da Magali falando que não tinha encontrado o barco para o Adriano subir o Rio Juruá. Eu ainda estava no hotel assistindo o Jornal Nacional pela TV do hotel do seu Hilário.

#### **04 de setembro de 2003**

Às 8:00 horas o Tupi e o Adriano ficaram resolvendo algumas coisas, a nossa viagem e a nossa passagem de Cruzeiro para o município de Thaumaturgo. O Adriano ficou resolvendo a dele para Porto Walter. Ficamos aguardando ainda no hotel a chegada do Isaac Ashaninka. O Tupi deu o dinheiro do orçamento da viagem do Adriano para a Terra Indígena dos Arara, deu R\$ 100,00. Eu fiquei assistindo a TV deitado na cama do hotel do senhor Hilário. Às 12:00 horas nós fomos almoçar no restaurante e lanchonete Cheiro Verde, junto com o AAFI Marcelino Tupi, o Adriano pagou a refeição que deu R\$ 41,00. Achei muito caro. Nós terminamos de almoçar e saímos para o hotel de novo. O Adriano saiu para conversar com os Arara. Eu, Marcelino e Tupi viemos juntos para o hotel, ficamos esperando a passagem de avião chegar em Cruzeiro. O Tupi ficou lendo o livro

dele, eu fiquei escrevendo o meu relatório no meu caderno de diário, esperando o professor Isaac Ashaninka chegar.

O Adriano fez a compra do rancho dele para levar, bolacha, açúcar, óleo de cozinha, café, sabão e mais outras coisas, o homem veio entregar no hotel as mercadorias do Adriano. Às 1:30 horas o Tupi ligou de novo para a CPI, ele saiu e eu não sabia onde ele estava, aí ele ligou no telefone do hotel para o AAFI Marcelino Katukina dizendo que estava na casa do professor Isaac Ashaninka conversando com ele. Ele disse que o Isaac tinha chegado muito tarde em Cruzeiro e não foi resolver a nossa viagem, mas disse que no outro dia, às 8:00 horas da manhã, nós vamos viajar, já estava tudo certo. O Marcelino me informou, aí passou um bom pedaço e vi bater na porta do hotel, abri, era uma pessoa com moto taxi que tinha vindo deixar R\$ 10,00 para mim que o Tupi tinha mandado para jantar com o AAFI Marcelino. Fui no quarto onde o Marcelino estava e convidei ele, perguntei onde que tinha churrasco, ele disse que não sabia, saímos caminhando juntos e chegamos na churrascaria. Pedimos 2 churrascos de frango, comemos e pagamos R\$ 6,00 os 2 churrascos. Quando eu paguei, pedi o recibo, a dona Rosa não tinha nem papel e nem lápis para fazer o recibo. Ela pediu para um moto taxi fazer para ela. Ela me entregou o recibo, e entreguei para o assessor Tupi e o troco também. Tupi chegou da casa do Isaac, falou para mim que nós iríamos viajar no outro dia às 5:00 horas da manhã, junto com o Isaac Ashaninka para o município de Thaumaturgo, Terra Indígena Campo do Rio Amônia. A noite eu fiquei assistindo o filme na TV do hotel, ele saiu junto com o Adriano para jantar churrasco, fiquei no hotel escrevendo o meu diário de trabalho sobre a assessoria.

**05 de setembro de 2003**

Eu Jorge Domingos Kaxinawá, junto com o assessor da CPI Tupi e AAFI Marcelino Rosa Metsa Katukina acordamos no hotel às 5:00 horas da manhã, arrumamos as nossas bagagens e ficamos esperando o carro chegar para pegar a gente no hotel . Às 6:30. O carro chegou, pegamos as nossas mochilas e embarcamos dentro do carro junto com o Isaac, a mulher dele, o irmão Isaac Alexandre e o assessor da CPI Roberto Tavares. Partimos direto para o aeroporto de Cruzeiro do Sul, pegamos um aviãozinho direto para o município de Marechal Thaumaturgo, viemos junto com o piloto Roni, comandante do avião. Pousamos no aeroporto de Thaumaturgo às 7:40 horas, gastamos 40 minutos de voo de Cruzeiro do Sul a Marechal Thaumaturgo, quando decolamos na pista. O avião parou, saímos e avistei o Isaac Ashaninka, mais duas pessoas que iam para Rio Branco também, no mesmo avião que nós tínhamos vindo. Só fizeram embarcar. Partimos para Cruzeiro do Sul, pegamos as nossas bagagens e colocamos nas costas, caminhamos para o aeroporto, andamos bem 30 minutos. Chegamos no porto do município de Marechal Thaumaturgo e nos esperaram chegar. Chegamos no porto e tinha 2 parentes Ashaninka na canoa, embarcamos e atravessamos para o outro lado do rio Amônia.

Quando o barco encostou o AAFI Benki nos viu e cumprimentou, saímos todos juntos. Eu, o AAFI Jorge, AAFI Marcelino, assessor Tupi, AAFI Benki e o Isaac, junto com a sua mulher. Caminhamos até uma balsa flutuante que tinha no meio. O AAFI Benki perguntou se o Tupi ia comprar algum rancho para levar para a aldeia. O Tupi falou que ia comprar sim, ele foi comprar e ficamos esperando sentado na balsa flutuante. Tupi fez a compra, o Isaac e o AAFI Benki falou que ia comprar um combustível e acertar as contas deles que tinham para resolver no comércio. Nós subimos o porto do município, uma ladeira, chegamos na rua e fomos caminhando. O pessoal do município, ficaram todos olhando para nós admirados, todo mundo olhando para o Tupi. Caminhamos na rua e nem estávamos aí. Fomos caminhando e chegamos em uma casa dos parentes do professor Isaac. Nós ficamos sentados um pouco enquanto o Isaac estava fazendo

uma ligação para Rio Branco, para a CPI/AC depositar o dinheiro para ele comprar o combustível da viagem dele para a aldeia. Ficamos aguardando um pouco, sentados no banco, passamos uns minutos, saímos andando e o Tupi ia comprar um trevo no comércio, eu e o Marcelino fomos também. Tupi comprou trevo e vela para levar para a aldeia do Benki. Ele comprou e nós voltamos, entramos em uma lanchonete e fomos lancha, tomamos suco de caju com pastel de carne. O Tupi pagou, saímos e viemos caminhando para o porto, paramos na decida e ficamos esperando o Benki mais o Isaac para descermos para o porto.

O Benki mais o Isaac estavam no comércio resolvendo as contas deles, passou um bom pedaço, eles chegaram e descemos todos juntos para o porto, de novo viajamos na balsa flutuante. O Benki, mais o irmão dele Isaac compraram óleo diesel e gasolina, não sei quantos litros. O barquinho era muito pequeno, não pegávamos nós todos para subir o rio Amônea. Eles disseram para fretar mais dois barquinhos para subir. Enquanto eles estavam ajeitando, chegou mais 3 gringos estrangeiros, não sei de onde, 2 homens e 1 mulher, que era para a aldeia do Benki também. O Benki recebeu eles, chegaram, bateram fotos dos barcos que estavam no porto do município, do flutuante também. O outro ficou com a câmera, o Benki decidiu e disse que eu e o AAFI Marcelino viemos na frente junto com 2 parentes Ashaninka homem, a irmã dele Ashaninka com nossas bagagens, e os 2 computadores que eles estavam trazendo de Rio Branco. Às 10:00 horas nós saímos do porto do município Marechal Thaumaturgo, destinado à Terra Indígena Kampa do Rio Amônea, aldeia Apiwtxa. Eu AAFI Jorge Domingos Kaxinawá, AAFI Marcelino Katukina Metsa, Alexandrina, o motorista e mais um professor Ashaninka. Subimos o Rio Amônea, mas estava muito seco e raso. O barco vinha encalhando e nós caíamos na água para puxar a canoa, porque o Rio Amônea é muito raso e tem muito pau. Nós caminhamos subindo o rio. Às 2:00 horas para às 3:00 horas formou-se um tempo de chuva e começou a chuva, o motorista parou para cobrir- as nossas roupas, nossas mochilas e os computadores que não podiam molhar. A Alexandrina pediu para subir- os computadores. Eu e o Marcelino subimos para a casa de um ribeirinho enquanto a chuva passava. Depois

descemos o porto. Chegou o AAFI Benki junto com o Tupi e o motorista nawa que eles fretaram, encontrou- e merendamos uma melancia. O AAFI Benki trocou os computadores para a outra canoa e nós continuamos a viagem. A chuva caiu de novo molhou todos e não levamos nem um plástico. O AAFI Benki encostou a canoa em um lugar que morava um conhecido dele e pediu uma lona emprestada, o homem arrumou a lona. O AAFI Benki cobriu as nossas bagagens. O homem disse para o Benki que ia arrumar a lona só porque era para ele, se fosse para outro ele não ia arrumar. Nós ajudamos a puxar a canoa que estava cheio de água. Continuamos a viagem para cima, todos juntos na canoa, uma na frente e outra atrás, caminhamos mais ou menos meio dia de viagem e chegamos na aldeia do AAFI Benki às 5:30 horas da tarde. Pegamos muita chuva, pegamos nossas coisas e subimos o porto do Benki, chegamos na casa dele, ele me disse que aqui é a minha casa, txai pode subir, e mudou a sua roupa.

O Tupi foi cagar, estava com disenteria, porque pegou muita chuva. Subimos e trocamos de roupa, sentamos no barco, o AAFI Benki convidou o Tupi, eles saíram para outro lugar mais acima. Fui conversar com o pessoal, eu e o Marcelino ficamos na casa do Benki, sentados, conversando algumas coisas nossas sobre assessoria, fumamos um cigarro. O Benki e o Tupi chegaram e fomos jantar. Jantamos e não fizemos mais nada, só dormimos, estávamos cansados da viagem pelo rio Amônea, puxamos muito o barco por cima dos paus e pegamos muita chuva.

## **06 de setembro de 2003**

Às 6:00 horas da manhã o AAFI Benki convidou-nos, Tupi, Marcelino eu Jorge para fazer visita no SAF dele. Nós visitamos o suplente dele, a sementeira dele de mudas. Eu vi bastante mudinhas na sementeira, andamos no SAF dele todinho, no Sistema Agroflorestral, vimos o cativeiro de jabuti, as caixas de mel de abelhas que ele está criando. Ele disse que tem 50 jabutis, vi bastante plantas com várias

espécies. Nós voltamos para a casa dele, tomamos o café, depois do café atravessamos o rio para visitar a casa do professor Isaac Ashaninka.

Chegamos e encontramos o Isaac junto com as crianças conversando, o AAFI Benki ia acompanhar os gringos filmar na aldeia até o meio dia. O Tupi deu umas dicas no computador para o professor Isaac na casa da associação deles. O assessor Tupi ficou ensinando o professor Isaac no computador, no quarto da casa da associação dele. Eu, junto com o Marcelino ficamos escrevendo os nossos diários sentados, em cima de uma mesa. Eu e o Marcelino, junto com o Tupi, fomos para a casa do Benki . Passou um pedaço, o AAFI Benki chegou, fomos almoçar junto com o AAFI Benki Ashaninka na casa dele. Passamos o meio dia, e 1:00 hora da tarde, saímos para fazer visita na aldeia. Fomos e saímos juntos com o AAFI Jorge, chegamos na casa do Aricemes Ashaninka e vimos o açude que eles construíram. O AAFI Benki foi explicando para nós onde ele ia fazer outros açudes para criar peixe. Visitamos a hospedaria da comunidade, passamos em todas as casas e visitando. O AAFI Benki ia explicando para o Tupi as plantas dos quintais deles. Eu vi mais casas de abelha, visitamos os tracajás dele, aí fumei um cigarro mais o Tupi. Tinha uma Ashaninka atendendo ao telefone orelhão. Nós chegamos na casa do cacique, o pai do AAFI Benki Ashaninka, daí nós atravessamos o rio de novo para o outro lado, e 3 mulheres Ashaninka nos acompanharam. Nós caminhamos 20 minutos no caminho junto com AAFI Benki, o AAFI Marcelino, o Tupi, duas irmãs do Benki e uma sobrinha dele, Alexandrina e a Dora. Nós chegamos na casa do seu Antônio Ashaninka, o Tupi fez o levantamento das plantas dele junto com o AAFI Benki. Fiquei acompanhando junto, eles terminaram. Nós já começamos tomar caçuma forte, fomos para a outra casa e continuamos fazendo o levantamento junto com o AAFI Benki.

Terminamos de fazer o levantamento. Fomos para outra casa e lá encontramos o pessoal, estavam todos dançando na festa. Subimos e sentamos. O AAFI Benki conversou na língua dele com o pessoal sobre o trabalho que nós estávamos

fazendo. O pessoal estava todo paulado de caçuma forte, começaram dar para nós e tomamos conversando, sentado em roda, os outros dançaram no meio da casa. Nós não fizemos mais os levantamentos, paramos às 4:00 horas da tarde, ficamos só tomando caçuma. Daí nós fomos para outra casa tomar mais caçuma junto com um velho. Ficamos até às 6:00 horas da tarde e o AAFI Marcelino passou e viu uma Ashaninka velha, muito feia e insistiu para mim dançar com ela. Dancei com ela e só fiquei rodando, aí parei. Viemos embora e chegamos nas casas, e em toda casa tinha caçuma. Tomei bastante que o meu bucho não pegou mais, aí eu provoquei.

A noite nós fomos para a festa, a caçuma era na canoa e no tambor de 200 litros. Nós tomamos mesmo, eles tocaram flauta e tambor e começaram a dançar. O Tupi dançou com a irmã do Benki, Alexandrina Ashaninka e nós ficamos até 1:00 hora da madrugada, depois eu vim dormir mais o Marcelino. O Tupi ficou mais o Benki na festa e tomaram caçuma até o dia amanhecer.

### **07 de setembro de 2003**

Eu, o AAFI Marcelino e o Tupi, ficamos descansando, era para nós visitarmos os tracajás do AAFI Benki, mas ele estava muito ressacado da festa. Ele deixou para ir no outro dia. No meio dia nós fomos tomar banho no rio e lavamos as nossas roupas sujas. O assessor Tupi foi para outro lado tomar mais caçuma junto com o Marcelino, eu fiquei na casa do AAFI Benki. O Benki começou a tocar o violão dele e eu fiquei só curtindo a música do Benki. O Marcelino chegou e foi gravar o AAFI Benki tocando violão. O AAFI Benki matou 1 galo com um tiro para janta. A noite teve mais caçuma e festa na casa do AAFI Benki Ashaninka, foi muita caçuma.

### **08 de setembro de 2003**

De manhã o Benki ficou fazendo a flauta, nós ficamos sentados esperando para ir visitar o tracajá na praia de tabuleiro do AAFI Benki mais para cima do Rio

Amônea. Às 10:00 horas nós saímos com o AAFI Benki e fomos 2:00 horas em uma equipe de 5 pessoas. Foram 5 pessoas em cada canoa, foram em 7 Ashaninka 6 homens e 1 mulher que é irmã do Benki, Alexandrina. Nós fomos em uma equipe de 10 pessoas. Ao todo foram 9 homens e 1 mulher. Eu, AAFI Jorge, acompanhei e nós caminhamos no Rio Amônea, acima 3:00 horas de viagem.

O Benki levou uma câmera de filmar, nós paramos em um lugar e o AAFI Benki fez outra entrevista com o Tupi, com o AAFI Marcelino Katukina e comigo. Perguntou o que nós estávamos achando da viagem. Eu respondi para ele que estava achando importante conhecer as experiências deles. Daí nós seguimos a viagem, ele levou o motor serra para cortar os paus que tinha no meio do rio, estava muito seco. Nós chegamos no tabuleiro e eles encostaram a canoa mais embaixo da praia de tabuleiro. O AAFI Benki saiu andando pela praia para filmar a nossa chegada na praia do Tabuleiro. Nós chegamos e o Benki fez a entrevista de novo com o Tupi, assessor da CPI, e com o AAFI Marcelino. Saímos e andamos na praia, chegamos no tabuleiro e o AAFI Benki organizou para fazer mais entrevista conosco. No nascimento dos filhotes de tracajá, nasceram na cova do tabuleiro de tracajá do AAFI Benki, de 6 m de largura por 10 m de comprimento. Ele escolheu 3 covas, uma para o Tupi, outra para o Marcelino e outra para mim tirar os filhotes de tracajá.

O Benki nos filmou abrindo as covas de tracajá. Em uma cova nasceu 22 e em outra cova nasceram 24 tracajás, vimos 136 filhotes de tracajás nascidos de 6 covas. Só que de uma foi tirado só 4 tracajazinhos. Quando os bichos nasceram saíram tudo correndo dentro do tabuleiro. Pegamos e colocamos tudo dentro do tabuleiro. Pegamos e colocamos tudo dentro da bacia que o Benki tinha levado para trazer os tracajás. Embarcamos de novo na canoa e saímos baixando para baixo. O AAFI Benki veio mariscar com tarrafa. Nós paramos em uma praia e comemos melancia. O Benki pegou só dois peixes, um pintado e um bodó. Viemos embora, aí caiu uma chuva de novo e nos molhamos. Chegamos às 3:00 horas na



aldeia do AAFI Benki, almoçamos e começamos a tomar caiçuma de novo. Os parentes e o Benki já chegaram suados do piarentsi e nós não fizemos mais nada. Eu fiquei escrevendo o meu diário e tomamos o piarentsi de macaxeira.

### **09 de setembro de 2003**

Às 7:00 horas da manhã o AAFI Benki baixou para o município de Thaumaturgo sozinho em uma canoa, porque ele estava com um problema e tinha que resolver na justiça, porque uma mulher dele tinha processado ele, por isso ele baixou. Ele disse que o Tupi podia ficar com o suplente dele, o Vaneco Ashaninka. Ficamos junto com o Vaneco, às 7:00 horas da manhã e nós atravessamos do outro lado do rio para pegar o papel sem pauta para iniciar o levantamento das plantas do AAFI Benki. O Tupi pediu o papel para mim e o Marcelino, e 2 lápis para nos ajudar o levantamento das plantas.

Fomos na escola e os professores estavam dando aula. Atravessamos o rio de novo para a casa do Benki e começamos fazer o levantamento das plantas junto com o suplente do Benki, o Vaneco, ele foi explicando para o assessor Tupi por onde era o SAF. Nós tentamos dividir os quadros com a corda, mas não deu certo. Começamos a contar assim mesmo, eu contei uma parte e o AAFI Marcelino saiu contando a outra parte. O Tupi saiu junto com o Vaneco para o roçado no SAF, trabalhamos até às 11:30. A chuva caiu de novo, o Vaneco Ashaninka nos trouxe para a casa dele e começou a dar caiçuma para nós e começamos a beber. Conversamos sentados, a chuva continuou e a mulher do Vaneco continuou dando caiçuma forte para nós, de cuia cheia. Com pouco tempo o assessor Tupi já estava bêbado conversando muito animado, suado de caiçuma forte de macaxeira dos Ashaninka. Às 2:00 horas da tarde, nós continuamos os levantamentos, a chuva começou de novo. Paramos às 4:00 horas e ficamos suado de novo. Perguntamos o Vaneco a história da guerra dos Ashaninka que mataram os Amawaka. Nós ficamos até de tarde e viemos para casa do Benki, tomamos banho e dormimos.

## **10 de setembro de 2003**

Às 7:00 horas da manhã nós demos o prosseguimento do levantamento das plantas do AAFI Benki junto com o suplente Vaneco Ashaninka. O Tupi seguiu mais o Vaneco e eu mais o Marcelino. Fomos para outra parte. Às 11:00 horas nós terminamos de fazer o levantamento do sistema do AAFI Benki todinho. Ficamos descansando para continuar de novo. Agora, não sei quantas plantas nós contamos, só o Tupi que vai saber. Eu estava sentado na casa do Benki, tinha uma rã que estava cantando toda a noite bem pertinho da casa do Benki. A mulher dele mais a irmã do benki, tocaram fogo na casa da rã e mataram com fumaça. Tinha uma menina segurando a rã, o assessor Tupi tirou uma foto, registrou a menina mais a rã. Os meninos ficaram todos alegres brincando no terreiro da casa dele. O AAFI Marcelino estava ouvindo música no gravador, muito apaixonado, e o Tupi estava lendo seu livro sentado no banco da casa do AAFI Benki. Saiu uma Ashaninka varejando uma carnaúba para cima do rio Amônea, todo vestido de cusma preta, pintado a cara de urucum.

O assessor Tupi mandou a mulher do Benki fazer café para ele. Ele ficou tomando sentado lendo o livro dele. Eu estava escrevendo o meu diário em pé na janela da casa do Benki. Veio 3 Ashaninka lá da praia e passaram achando graça, deram risadas. Muito interessante o costume deles. À 1:00 hora da tarde, nós saímos juntos com o Vaneco, caminhamos até o final da aldeia e chegamos na casa do Moisés Ashaninka, mas ele não estava em casa. O Vaneco foi explicando, o Tupi começou a fazer o levantamento, nós começamos ajudar a anotar as plantas do quintal dele, aí nós fizemos o levantamento em 9 quintais das casas. Chegamos na casa do Letxeiro Ashaninka e o assessor Tupi comprou uma jabota para jantar. Ele fez as anotações das plantas do roçado. O vaneco trouxe a jabota para frente e nós caminhamos até a casa do cacique. Encontramos com o Isaac professor, ele conversou com a gente e saiu caminhando junto conosco para uma casa que tem

mais embaixo. Ele explicou por onde passava o quintal, continuamos fazendo o levantamento e o Isaac me acompanhou um pouco pelo terreiro. Terminamos e saímos caminhando juntos, passamos em uma casa de um velho que deu uma banda de melancia para nós e o Tupi trouxe até a casa do professor Isaac Ashaninka.

O tempo estava muito nublado e parecia que ia fazer frio. O Isaac disse que ia arrumar umas camisas de frio para nós. Paramos na casa do Isaac e comemos a melancia, pegamos as camisas de frio e trouxemos. Viemos para a casa do Benki, aí demorou um pouco e chegou um caçador que tinha ido caçar na mata. Matou queixada e deixou na casa do Benki. O Vaneco deixou para matar o jabuti só no outro dia e o assessor Tupi pagou R\$ 12,00 na jabota. Já era 5:00 horas da tarde. Ficamos escrevendo as nossas atividades de diário no caderno de atividade.

### **11 de setembro de 2003**

De manhã o Vaneco quebrou a jabota para fazer o almoço e nós saímos para o rio escovar os dentes. O dia estava frio de friagem, e às 7:00 horas a gente saiu para continuar o levantamento das plantas do pessoal Ashaninka. Eu, Tupi, Marcelino e o Vaneco, suplente do AAFI Benki, atravessamos o rio para o outro lado e caminhamos até a última casa da aldeia. Tupi nos dividiu, o AAFI Marcelino ficou em uma casa fazendo levantamentos das plantas, eu fiquei na outra casa e o assessor Tupi foi para a última casa junto com o Vaneco suplente do AAFI Benki, nós trabalhamos assim. Terminamos e fomos para a outra casa. Chegamos lá na outra casa, o dono da casa tinha matado uma paca, deu para nós comermos, paca melancia e ingá. Nós merendamos e depois começamos a trabalhar de novo no levantamento das plantas. Terminamos e viemos para o centro da aldeia terminar o que estava faltando, para fazer o levantamento.

Nós chegamos na casa do pajé, pai do Vaneco Ashaninka. Ficamos um pouco sentados e conversando com o pajé, o seu Ariceme Ashaninka o velho da aldeia. Às 13:30 horas nós começamos de novo o levantamento, fiz de um canto e o assessor Tupi fez de outro quintal mais o Vaneco bunda de caneco suplente do AAFI Benki. Terminamos o levantamento das plantas dos quintais da aldeia Apiwtxa às 3:00 horas da tarde, voltamos para a casa do AAFI Benki. A gente foi tomar um banho e lavar as nossas roupas sujas no rio. Voltamos e ficamos um pouco sentados. O Vaneco veio da casa dele e convidou a gente, eu e o AAFI Marcelino Katukina para nós olharmos ele escalando um mulateiro que eles têm. Nós fomos com ele às 4:00 horas da tarde, mostrou para nós as técnicas que eles fizeram para subir, jogar o cabo lá de cima da árvore com a flecha. Eu e o Marcelino só ficamos olhando, ele fez e subiu para nós vermos, ele tirou o filhote de papagaio, chegou lá e ficou cortando com terçado, furou o oco do mulateiro, viu o filho de papagaio que estava pelado, desceu e nós viemos embora para casa. O assessor Tupi tinha ido para o outro lado ver o computador para a Alexandrina e o Isaac Ashaninka. Fomos lá também, o Tupi estava dando aula para a Alexandrina, sentado em cima de um banco.

## **12 de setembro de 2003**

Às 7:00 horas da manhã o assessor Tupi atravessou o rio para passar um telefonema para Rio Branco e tirar foto do tracajá mais os velhos e os mais novos, tirar foto do açude novo e também que os Ashaninka construíram no ano de 2003. Eu mais o AAFI Marcelino Katukina ficamos na casa do Benki, escrevemos o nosso diário e pintamos o nosso desenho que fizemos das aldeias e os trabalhos que vimos do AAFI Benki. Atravessamos para onde o Tupi tinha ido, chegamos e ele estava olhando o computador mais o Isaac, aí nós ficamos um tempo e saímos. O Tupi veio buscar o pagamento da mulher, ele pagou R\$ 40,00 para a Alexandrina. Vimos o colar dos parentes bravos, o colar era osso, de dentes de vários animais e flechas deles. Tiramos fotos das abelhas do Bebito, o Tupi tirou a nossa foto.

Fomos para o açude novo, o Tupi tirou mais fotos nossas e atravessamos para a casa do Vaneco.

O assessor Tupi comprou um agalinha e a mulher do Benki foi preparar o almoço, nós ficamos esperando para almoçar. Depois do almoço nós saímos para a casa do Isaac. O Tupi perdeu a carteira dele, foi caçar e achou. Eu e o Marcelino ficamos na casa do Isaac, às 2:30 horas para às 3:00 da tarde nós saímos, embarcamos as nossas bagagens na canoinha junto com o motorista, agente de saúde Tsirotsi Ashaninka. Viemos com destino ao município de Marechal Thaumaturgo. Quando nós já vínhamos perto a nossa gasolina secou, o tanque do motor, vinha uma pessoa que ele conhecia e emprestou 1 litro de gasolina. O Tsirotsi Ashaninka colocou no tanque do motor, continuamos a nossa viagem. Chegamos no município às 6:00 horas da tarde. Fomos para a casa do Davi, uma pessoa que mora no município Thaumaturgo. Passamos a noite do dia 12 de setembro de 2003.

### **13 de setembro de 2003**

Ficamos esperando o avião que ia de Cruzeiro para Thaumaturgo. Nós ficamos conversando com o Davi, compramos cordão, o pessoal da agência telefonou para o Tupi que o avião já tinha saído de Cruzeiro. Era para nós irmos para o aeroporto, saímos e embarcamos as nossas coisas na canoa. O Tsirotsi atravessou-nos para o outro lado com a canoa dele. Caminhamos até o aeroporto, andand,. chegamos no aeroporto, já estava quem iria viajar também. Demoramos bem 30 minutos e o avião chegou, onde ia o AAFI Benki, que também tinha vindo para Cruzeiro do Sul resolver o problema dele. Aí chegou e cumprimentou-nos, o pessoal desembarcaram. O piloto desembarcou as coisas deles e embarcou as nossas, mandou-nos sentar atrás mais o Marcelino Katukina. Sentamos e o piloto Roni funcionou o avião, saímos na pista, aí o avião subiu. O avião subiu uns 1500 metros de altura e voamos. Vinha 2 homens nawa passando mal do vácuo.

Chegamos no aeroporto de Cruzeiro do Sul, o aviãozinho bem pertinho do aeroporto, desceu e nós saímos, pegamos as nossas bagagens e colocamos no carro. Saímos andando para a sala de desembarque, saímos e pegamos o carro junto com o motorista e o piloto Roni, caminhamos até a cidade de Cruzeiro. Nós ficamos no nosso hotel de novo. Deixamos as nossas bagagens no hotel e saímos para procurar o carro para o Marcelino ir embora para a casa dele, não encontramos nenhum carro. Daí o Tupi perguntou ao AAFI Marcelino Katukina onde que vendia comida mais barata, o Marcelino disse que sabia. Fomos andando e chegamos no restaurante. O Tupi pediu 4 refeições e a mulher colocou 4 pratos de comida, comemos e depois o Marcelino foi falar com o patrão dele, que ia para arrumar passagem para ele. O Tupi ficou no comércio comprando cigarro para fumar. Eu saí junto com o AAFI Marcelino até o comércio do patrão dele. Vi ele conversando com o filho do patrão dele, disse que o pai dele estava em casa sozinho, às 2:00 horas da tarde. O AAFI Marcelino ficou esperando no começo, eu e o assessor Tupi íamos despedir do AAFI Marcelino e viemos para o hotel dormir e tomar banho para arrumar a viagem para Rio Branco. Nós chegamos no hotel e eu tomei o meu banho, o Tupi tomou também, trocamos a roupa, saímos para resolver a nossa passagem de Cruzeiro para Rio Branco. Ele telefonou para a CPI, me disse que não estava nada certo e eu fiquei no hotel escrevendo um pouco enquanto o Tupi ajeitava a nossa passagem para o aeroporto. Passou um bom tempo, o Tupi chegou e disse que nós já íamos, eu peguei a minha bolsa e a caixa de rede do Tupi e sai para fora do hotel para esperar o taxi, que vinha nos pegar. ficamos esperando uns 10 minutos, o taxista chegou, embarcamos no taxi e seguimos para o aeroporto, gastamos 15 minutos e chegamos. O assessor Tupi falou com a aeromoça e ela tirou a nossa passagem, o Tupi assinou e eu assinei, daí nós ficamos esperando um pouco o avião chegar. O avião chegou e nós proseguimos para embarcar às 3:30 horas na Rico, no avião que pega 40 passageiros. No aeroporto a aeromoça me disse boa tarde quando eu vinha entrando no avião. Eu entrei no avião sentei na poltrona e passei o cinto, a aeromoça Maria Rita anunciou para os passageiros que o avião já estava viajando

com destino ao município de Cruzeiro do Sul e até Rio Branco, voamos 50 minutos de Cruzeiro até Tarauacá. O avião decolou em Tarauacá às 4:00 horas e o comandante disse que a temperatura estava 30° graus. Passamos uns 5 minutos, embarcou mais passageiros, o avião saiu de novo com destino à Rio Branco, passou uns 15 minutos e a eromoça trouxe o lanche da Rico, refeição, me deu também pão e refrigerante, chocolate, e comi. Às 5:00 horas da tarde o avião pousou no aeroporto de Rio Branco, o avião parou e o piloto disse que a temperatura estava com 32 graus, o avião parou e nós desembarcamos e viemos para a sala de desembarque, ficamos esperando as nossas bagagens, pegamos as nossas bagagens e saímos para fora do aeroporto. O Tupi procurou o motorista Gilberto, não encontrou. Caminhamos até onde estava um ônibus e pegamos o ônibus e seguimos até a praça de Rio Branco. Saímos do ônibus e caminhamos de pé até a parada do Sobral. Pegamos o Sobral e viemos embora. O Tupi ficou na casa dele e eu segui até a casa do índio, parei porque eu tinha deixado minha filha na casa do índio e fiquei passando a noite.

### **14 de setembro de 2003**

Eu fiquei na casa do índio escrevendo o meu relatório, terminando o que eu não tinha terminado. Isso foi o que eu vi e que nós fizemos durante a assessoria na Terra Indígena Campinas e Terra Indígena Kampa do Rio Amônia.

### **15 de setembro de 2003**

O que conheci durante a viagem de Intercâmbio junto com o assessor da CPI Adriano e o Tupi, apoiado pela rede de Cooperação Alternativa do Brasil. O que eu conheci primeiro foi os três aeroportos, de Rio Branco, Tarauacá e Cruzeiro do Sul, também do município de Thaumaturgo e em segundo lugar, o que conheci foi o município de Tarauacá, Cruzeiro do Sul, Rodrigues Alves, Marechal Thaumaturgo, os 4 municípios do Acre. Conheci também as duas Terras Indígenas, Campinas

Campa do Rio Amônia, dois povos indígenas diferentes, que falam diferentes línguas, tem diferentes costumes, mas na Terra Indígena do povo Katukina, os Satanawa, não são muito diferentes de nós povos Huni Ku. Eu achei que eles têm pouca diferença de nós Kaxinawá, na fala e no modo de viver na aldeia deles. O trabalho que eles fazem no roçado. A agricultura deles, que plantam, o trabalho de plantio. Tudo que plantam nós também plantamos. Não tive muita novidade de agricultura na Terra Indígena Campinas no povo Satanawa, porque a maioria que eles estão produzindo, nós também temos em nossa Terra Indígena do Rio Purus. A diferença deles, é que têm mais facilidade de estrutura e reforça mais o trabalho dele, porque eles já têm associação e tem uma toyota, tem a motosserra. Outra coisa que vi eles que têm são os açudes, em todas aldeias dá para eles trabalharem muita a piscicultura, que eles moram perto do município de Cruzeiro, dá para eles comercializarem os produtos que produzem tanto, como frutas, verduras, agricultura que eles produzem. Isso foi as facilidades que eu como AAFI vi que o povo Katukina tem.

Eu quero dizer que eu não aprendi quase nada, que tudo que eles fazem, nós também fazemos. Só as facilidades que eles tem e nós não temos, essa foi a diferença que eu achei. Eu mesmo lá na Terra Indígena Campinas não aprendemos quase nada, só reforcei o meu conhecimento que já tinha e pratiquei escrita. Fiz parte da minha história. Quando eu voltar para a minha aldeia com os conhecimentos conversarei com os meus parentes, trabalho juntos com eles. Não achei nada ruim sobre o pessoal, mas teve uma coisa que eu achei ruim, foi porque eu levei rede e nem cobertor e passei muito frio na aldeia Martins. O que eu achei ruim só foi isso durante a minha viagem no Campinas, aldeia do Marcelino.

Agora, o que eu aprendi, e o que eu vi na aldeia do AAFI Benki Ashaninka, aprendi a fazer tabuleiro, vi caixa de abelhas, a fazer açude do jeito que estão construindo, vi que era muito fácil de fazer o cercado do jabuti, aprendi a fazer tudo, só falta



comprar o material que não temos e começar por em prática. Fazer o que a gente tem no futuro e o costume deles é muito diferente do nosso. Mas quero dizer que gostei da Terra Indígena Kampa do Rio Amônia da aldeia Apiwtxa, foi muito bom para mim ter mais um pouco de conhecimento. Achei que fortaleceu o meu conhecimento como AAFI e o pessoal nos recebeu com muitas festas e muita caçuma. É só isso que eu quero dizer, agora o que eu não gostei foi só da água que eles bebem, só água do rio.

O Benki, ele nos acompanhou, só vendo o nosso trabalho e eu achei mais ou menos, porque ele andava viajando, ele não conversou muito sobre o trabalho que ele fez. Só isso mesmo. Agradeço a Comissão Pró-Índio e os assessores pelo intercâmbio a outras regiões do Estado do Acre, peço desculpas por algumas coisas que o assessor achou que eu fiz errado. Meu muito obrigado.

AAFI Jorge Domingos Kaxinawá.

### **15 de setembro de 2003**

Terra Indígena= Alto Rio Purus

Município Santa Rosa do Purus

Aldeia = Nova Fronteira

Idade = 33 anos

Trabalho = Agente Agroflorestal Indígena

Nome = Jorge D. Kaxinawá Hunikuí

Escola = Escola da Floresta do Estado do Acre

Professores Técnicos = Adriano, Tupi, Renato Gavazzi